

O que queremos? Queremos tudo! Breve ensaio interpretativo sobre o sentido histórico de 1968¹

Mário Maestri*

Resumo

A celebração dos quarenta anos de 1968 tem ensejado reflexões sobre a sua atualidade ou superação programática. Os anos 1967-1969 abriram conjuntura revolucionária demarcada fortemente pela contradição entre a crescente exploração vivida pelo operariado dos países de capitalismo avançado e o enfraquecimento das direções reformistas, em parte em razão das jornadas democráticas e revolucionárias mundiais vitoriosas. Iniciadas pelos estudantes, as jornadas revolucionárias fortaleceram-se na medida em que foram retomadas pelo operariado. Da ofensiva da década de 1970, a impulsão revolucionária estagnou na de 1980 e foi vergada na de 1990, permanecendo sua vigência referencial como único meio de arrestar o declínio vivido pela humanidade.

Palavras-chave: 1968. Política internacional. Revolução. Contrarrevolução.

Desde inícios de 2008, sobretudo na Europa, realizam-se encontros, seminários, palestras, lançamentos de livros e apresentações de documentários sobre 1968. Essas atividades alcançaram seu apogeu no mês de maio, em razão dos célebres acontecimentos de Paris, há quarenta anos, que, em geral, por sua relevância, tenderam a obscurecer o caráter multinacional daquelas jornadas. No Brasil, as celebrações programadas foram igualmente

* Doutor em História. Professor do curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo.

¹ Intervenção apresentada na mesa-redonda de 14 de maio de 2008, no “Seminário 40 anos de 1968: continuidades e rupturas”, UFF, Niterói, Rio de Janeiro; no Seminário “1968: no Brasil e no Mundo”, do Programa de Pós-Graduação em História da UPF-RS, em 26 de maio de 2008; na Semana Acadêmica do curso de História da UFRGS, “2008: Entre a flor e o fuzil: interpretações e memórias de 1968”, em 9 de junho de 2008.

importantes, sobretudo porque os fenômenos que estremeceram boa parte do mundo expressaram-se de forma poderosa também entre nós, com ápice nos meses de junho e julho de 1968.

Existe já uma enorme produção bibliográfica sobre os acontecimentos que cumprem agora quatro décadas, referentes sobretudo aos países em que se expressaram substancialmente, como a Alemanha Federal, a China, a Espanha, os Estados Unidos, a França, a Itália, o Japão, o México, o Paquistão, a Tcheco-Eslováquia, etc.² Há também muitos ensaios de interpretação do fenômeno como um todo. Lamentavelmente, mesmo com as atuais celebrações, apenas uma muito pequena parte dessa valiosa produção encontra-se traduzida para o português, ainda que já haja considerável bibliografia nacional sobre aqueles fatos.³

No Brasil e no mundo, comumente os atos comemorativos em curso dedicam-se prioritariamente à apresentação histórica dos acontecimentos de 1968, pois já fazem parte de um passado relativamente distante, o que obriga, necessariamente, à sua recuperação histórica pelas novas gerações que nasceram após. Uma recuperação facilitada pela presença ainda significativa de protagonistas daquelas jornadas, em boa parte muito jovens quando dos eventos, o que certamente não ocorrerá nas celebrações do cinquentenário de 1968 em 2018.

Significados profundos

Ainda que em geral se discuta quase obsessivamente as influências das jornadas de 1968 no referente às modificações culturais e comportamentais da sociedade contemporânea – ecologia, liberdade sexual, emancipação da mulher, crise do autoritarismo familiar, etc. –, o grande debate explícito ou implícito que organiza a reflexão em curso, que poderíamos definir de mais “fina”, centra-se na tentativa de explicação das razões e significados profundos daqueles fatos e, sobretudo, da sua validade programática ou superação, esgotamento e crise definitiva, como proposto de forma reiterada, não raro, até mesmo por ex-dirigentes daquelas jornadas. Daniel Cohn-Bendit, o jovem líder revolucionário das lutas parisienses, hoje acomodado deputado do Parlamento Europeu, acaba de lançar livro com o título *Forget 1968* (“Esqueçam 1968”) e vem defendendo, durante as celebrações, que a “sociedade hoje não tem nada a ver com a de 40, 45 anos atrás”.⁴

Apresentam-se comumente de forma analógica os acontecimentos ocorridos há quatro décadas como o ápice de cataclismo geológico, que, após acumulação de forças, iniciou o processo de liberação das fortes tensões anteriormente reprimidas, em 1967, seguindo-se a essa pré-convulsão variados abalos tectônicos, com um principal e grande

epicentro em 1968 e movimentos secundários nos meses seguintes àquele ano referencial.

Ainda que essa comparação circunscreva de forma relativamente correta a importante sucessão e ritmos dos acontecimentos ocorridos, com grande destaque, sobretudo nos EUA, na Itália e Alemanha Federal, na Espanha em 1967 e, a seguir, principalmente, na França, no México, no Brasil, na Polônia, no Paquistão, na Tcheco-Eslováquia, etc. em 1968, sequer esboça as razões e significados profundos dos fatos, já que não elucida minimamente as origens e singularidades das fortíssimas tensões e sucessivas distensões sociais vividas em importantes regiões da Europa, Américas e Ásia e, sobretudo, as causas da extenuação, dissolução ou frustração daquele movimento.

Expansão e crise

Na segunda metade da década de 1960, iniciava-se o esgotamento da longa expansão de pós-guerra vivida nos anos 1947-1973, com destaque nos EUA e na Europa Ocidental, já definida como “os anos dourados” do capitalismo.⁵ Nesse período, sobretudo o mundo do trabalho europeu, fortalecido objetivamente pela expansão econômica conhecida após o conflito mundial, seguia mantido em forte subordinação política, social e econômica – desigualdades salariais, jornadas de trabalho longas

e duras, etc. Submissão apresentadas pelas direções político-sindicalistas socialistas, stalinistas e social-democratas como parte da própria natureza social, capaz de ser gradativamente reformada, mas já não mais superada.

Mesmo se concretizando nacionalmente, a crise da produção capitalista assumia caráter, ritmos e expressões crescentemente mundiais, em razão da crescente internacionalização da economia. Nesse então, o grande capital empreendeu importantes iniciativas para a superação da tendência à queda da taxa de acumulação que vivia, por meio de forte reestruturação da produção, promovida com a aceleração do ritmo do trabalho, a generalização da cadeia de montagem, o pagamento da produção por peça, o crescente controle do tempo de produção, etc, iniciativas que aumentavam fortemente o nível da exploração do trabalhador industrial.⁶

Porém, um significativo fenômeno subjetivo imbricava-se a essa tensão objetiva crescente vivida pelo mundo do trabalho. Importantes fatos enfraqueciam o controle e o monopólio político-ideológico dos trabalhadores pelas suas direções tradicionais, envolvidas no projeto de colaboração trabalho-capital, realidade muito viva na França, na Itália, na Alemanha, países de forte e organizado proletariado, que havia vivido importantes jornadas sociais nos anos finais e sucessivos à Segunda Guerra, os quais se haviam concluído

com a frustrante restauração da ordem capitalista.

A luta de libertação nacional do pequenino povo vietnamita, primeiro contra a França, a seguir contra os EUA, potência capitalista hegemônica após a Segunda Guerra Mundial, ensejava crescimento da consciência mundial sobre a possibilidade-necessidade da derrota do imperialismo, sentimento já fortalecido pela vitória da Revolução Argelina contra a metrópole colonial francesa, em 1962, após oito anos de lutas e mais de duzentos mil mortos.⁷ Esse impulso se solidificava, igualmente, não apenas na América Latina, com a vitória paradigmática da Revolução Cubana, em 1959, seguida, dois anos mais tarde, por sua definição socialista.⁸ A possibilidade de derrota do imperialismo-capitalismo pelo confronto social direto, caso fosse necessário, apresentava-se como importante saída para importantes setores do movimento socialista, sobretudo após as derrotas históricas sofridas no Brasil, em 1964, e a hecatombe da Indonésia, em 1965.⁹

Jovens brancos e negros

Nos Estados Unidos, a crescente mobilização da juventude pobre branca, arrastada à força para a carnicina imperialista, convergia com e alimentava a ruptura já iniciada nos anos anteriores por importantes seto-

res da comunidade negra estadunidense com a organização e radicalização da luta pelos direitos civis. Essas mobilizações revelavam ao mundo a hipocrisia da pretensa democracia social e política estadunidense, sob a vigência plena do capitalismo.¹⁰ Tais jornadas e suas formas de luta influenciavam fortemente a consciência das novas gerações estudantis e operárias, sobretudo da Europa, América e Ásia, nascidas após o grande conflito.

Na Europa Ocidental, os influxos da revolução na Argélia, em Cuba e na Indochina e da crise de hegemonia estadunidense refletiram-se, inicialmente, no estudantado da Alemanha e da Itália, em 1967, e, a seguir, da França, em 1968. Por suas características estruturais, os estudantes eram o setor que, por um lado, melhor expressava as profundas tensões sociais nacionais e, por outro, mais facilmente podia autonomizar-se política e ideologicamente das direções social-democratas, socialistas e stalinistas tradicionais.

Nas décadas de 1950 e 1960 generalizara-se o ensino superior público nos países europeus avançados, em razão das novas necessidades da produção e da forte pressão social de pós-guerra. Entretanto, essa popularização relativa não foi acompanhada de democratização da estrutura, funcionamento, programas, objetivos, etc. dos estudos universitários. Ainda que originário sobretudo dos segmentos médios, o estudantado

alemão, italiano e francês mantinha reais vínculos orgânicos com os trabalhadores por intermédio dos jovens aprendizes e estudantes-operários. Esses contatos se davam também nas organizações políticas populares, social-democratas, socialistas e stalinistas destinados aos estudantes e aos jovens.

Convergência operário- estudantil

Os vínculos ligando os mundos estudantil e operário foram de essencial importância nos fatos de 1967-1968, já que a profundidade dos sobressaltos sociais conhecidos nas nações mais diretamente estremecidas por aqueles acontecimentos dependeu, sobretudo, do acolhimento e da potenciação das mobilizações da juventude estudantil e popular pelo movimento operário. Essa realidade podemos apreciar na solução paradigmaticamente divergente dessa equação nos Estados Unidos, em relação à França e à Itália.

Nos EUA, o núcleo central da classe operária, que em geral jamais conheceu autonomia política, mesmo que relativa, diante do capital, apesar de ter conhecido no período 1968-1974 o seu mais amplo ciclo grevista no século 20, manteve-se tendencialmente refratário, insensível e, não raro, hostil às mobilizações pacifistas e antirracistas, ensejando que a forte fratura do consenso e da hegemonia dominantes

assumisse sobretudo expressões políticas e ideológicas de rejeição à cultura, ao comportamento e ao consumo capitalistas, mas jamais à produção e à organização capitalista propriamente ditas. Essa ruptura política não se realizou sequer de forma programática.

A não recepção do movimento pacifista e antirracista por parte do núcleo central dos trabalhadores estadunidenses ensejou que os fortes sobressaltos das décadas 1960 e 1970 fossem a seguir apreendidos, em geral, como crise entre as gerações, perdendo-se enorme parte de seu conteúdo evocativo e programático, sobretudo após a soldadura das fissuras no consenso social empreendida pelas classes dominantes estadunidenses, especialmente a partir do governo republicano de Ronald Reagan (1981-1989). Isso permitiu que se empreendesse, a seguir, verdadeira criminalização e abominação daqueles movimentos e a literal neutralização ou eliminação física da vanguarda por eles produzida, processo já iniciado anteriormente, com os assassinatos de Malcolm X, em 1965, e de Martin Luther King, em 1968.

Étudiants, ouvriers, même combat?

Na França, ao contrário, as lutas estudantis, sobretudo parisienses, de inícios de maio foram acolhidas pela classe trabalhadora, por movimento de

três semanas de greve geral, com mais de dez milhões de trabalhadores, e ocupação de fábricas encimadas por bandeiras vermelhas, que estabeleceu, nos fatos, dualidade de poderes no país – dualidade que não se objetivou na proposta de conquista do governo apenas pela incapacidade do operariado de superar politicamente a direção do Partido Comunista Francês, que comandou a frustração-dissolução do movimento semi-insurrecional ao canalizá-lo para a solução eleitoral de julho, proposta por De Gaulle, que resultou em clara derrota e refluxo do movimento operário e popular.

Se na França a aliança operário-estudantil levou o país às portas de governo popular, de cunho ou orientação operária e socialista, no Paquistão, a confluência das lutas do estudantado com a população trabalhadora foi mais longe, ensejando, após quatro meses de duros combates, a queda, em 1969, da ditadura militar de Ayub Khan, que vinha sendo sustentada pelo imperialismo estadunidense – uma conquista frustrada a seguir, em razão do refluxo do movimento revolucionário mundial.

A Itália, ao contrário, constituiu caso singular, já que as mobilizações iniciadas em 1967 ensejaram longa confluência, política e orgânica, entre estudantes radicalizados e segmentos da classe operária em ruptura com o colaboracionismo do Partido Comunista Italiano, que manteve, porém, a hege-

monia sobre o coração central da classe trabalhadora. Na Itália, o máximo da mobilização social ocorreria quando do “Outono Quente”, em 1969, ensejada pela campanha pela renovação do contrato trienal de trabalho dos metalúrgicos, que motivou mobilizações operário-estudantis muito duras, de claro nível político, encerradas por ampla concessão das reivindicações econômicas pelo mundo do capital, temeroso do transbordamento político do movimento. No final daquelas jornadas ocorreria o atentado terrorista de Piazza Fontana, em Milão, parte da estratégia de tensão do capital e do imperialismo na Itália para enfrentar o avanço social.

Aquele processo se esgotaria dez anos mais tarde, com o refluxo das lutas de massa, o que facilitou a ação irresponsável das organizações armadas, com destaque para as Brigadas Vermelhas, fortemente utilizadas – quando não teleguiadas – pela direita governamental, que contribuíram para a gravíssima derrota política da esquerda como um todo – fenômeno conhecido também pela Alemanha Federal, sobretudo com a Fração do Exército Vermelho.¹¹

Crise objetivo-subjetiva

O estremecimento geral conhecido por países como a França, Itália, Alemanha Federal, Estados Unidos, Paquistão, México, Brasil, etc. demarcou

o já referido esgotamento da expansão capitalista do pós-guerra no contexto da primeira grande crise de hegemonia conhecida, por um lado, pelo imperialismo, no que se refere ao mundo do capital e, por outro, pelo stalinismo e a social-democracia, no que diz respeito ao mundo do trabalho. Foram fatos que se materializaram segundo as realidades das diversas nações envolvidas pelos sucessos.

Na esfera subjetiva, o avanço da revolução mundial determinou profunda ruptura da hegemonia stalinista e social-democrata. O fim daquele monopólio foi demarcado pela redescoberta de velhos e novos teóricos revolucionários, como Karl Korsch, León Trotsky, Rosa Luxemburgo, Franz Fanon, Georg Lukacs, Guevara, Isaac Deutscher, Wilhelm Reich, etc.; pelo renascimento do debate marxista, com destaque para a economia e a teoria da dependência – Charles Bettelheim, Ernest Mandel, Henri Lefebvre, Herbert Marcuse, Paul Baran, Paul Sweezy, etc. e, igualmente, pela emergência de organizações políticas revolucionárias de corte sobretudo trotskista, maoísta, guevaristas, autonomistas, fortes principalmente nos segmentos da juventude estudantil e operária radicalizadas – na França, Ligue Communiste Révolutionnaire; Gauche Prolétarienne, etc.; na Itália, Lotta continua, Potere Operaio, Il Manifesto, Avanguardia Operaia, etc. Todo esse movimento se ca-

racterizava pela profunda rejeição ao parlamentarismo. Sobretudo na Itália, o novo ativismo político foi conhecido como oposição extraparlamentar.

O próprio fenômeno das organizações armadas europeias e latino-americanas explica-se, em parte, pelo impulso revolucionário ensejado pela vitória cubana, pela guerra de libertação vietnamita e pelas rupturas de 1967-1968, que, no referente à Europa, galvanizaram e lançaram segmentos jovens, principalmente das classes médias, sobretudo após o refluxo da mobilização de massas, em lutas protagonistas – que se esperava que fossem seguidas pelos trabalhadores –, vistas por seus participantes como parte do combate anticapitalista e anti-imperialista mundial. Tais ações eram desvinculadas do movimento social, utilizadas pelo imperialismo e pelos governos conservadores contra a esquerda e, sobretudo, o mundo do trabalho, como foi o caso exemplar das Brigadas Vermelhas e o sequestro e morte de Aldo Moro, na Itália.

O geral e o particular

O processo de galvanização subjetiva mundial vivido em 1967-68 deu-se no contexto de profunda interdeterminação do geral e do particular, do mundial e do nacional, num processo no qual os meios de comunicação – com destaque para o foto-jornalismo e a te-

levisão, fortemente popularizada, nos anos anteriores – ensejaram poderosos influxos positivos para o movimento social em avanço, por meio de uma difusão intensiva de mobilizações e de lutas. Ainda que esses fatos fossem anatematizados pela mídia em nível da narrativa oral e escrita, sobretudo a capacidade das imagens de reverberar os sentidos que registravam junto a receptores vivendo, mais ou menos, objetiva e subjetivamente, os mesmos influxos, apoiou, incentivou e orientou jornadas congêneres em outras partes do mundo. Fotos de militantes negros pacifistas sendo agredidos por policiais nos EUA; as feitas por Nic Ut, da menina Kim Phuc, de nove anos, despida e queimada por bombardeamento estadunidense com *napalm* em 8 de junho de 1972; por Eddie Adams, do general sul-vietnamita Nguyen Ngoc Loan executando oficial vietcongue com um tiro na cabeça; dos dois atletas estadunidenses negros (John Carlos e Tommie Smith) de punho fechado, no pódio dos 200 m das Olimpíadas de 1968; da fuga do embaixador estadunidense de Saigon, etc., tiveram imensa repercussão no contexto socialmente tenso daqueles momentos.

O ano de 1968 abriu-se com a vitória da ofensiva do Ano Ted, seguindo-se em maio as jornadas parisienses e, muito logo, a Marcha dos Cem Mil no Rio de Janeiro e as manifestações e lutas vitoriosas no Paquistão. Pela

primeira vez em 1917, diante dos olhos da população mundial, a revolução materializava-se como processo literalmente palpável. Sobretudo o mundo do trabalho desbordava objetivamente as fronteiras políticas, ideológicas e simbólicas que lhe haviam sido delimitadas pela normalidade institucional, para se espriaiar poderosamente como um *tsunami* sem fim, transformando seu programa em alternativas sociais e existenciais reais para as populações nacionais e mundiais.

Esse processo de transbordamento revolucionário exercia uma fortíssima atração sobre os setores médios, com destaque para intelectuais, artistas, políticos, jovens militantes ou não, etc., afastados anteriormente da atração exercida pela revolução e mundo do trabalho pela ação hegemônica do stalinismo nos países do Leste e entre a grande classe operária organizada sobretudo europeia. A crescente opção subjetiva e, não raro, objetiva e orgânica de cientistas sociais e de acadêmicos pelo socialismo e pela revolução ensejou a ampliação, quantitativa e qualitativa, horizontal e vertical, da crítica da sociedade e produção capitalistas nos campos da história, da sociologia, da economia, da política, da psicologia, das artes, etc., contribuindo poderosamente para o fortalecimento do mundo do trabalho. Esse fenômeno foi fortíssimo na França pós-1968.

A revolução ao alcance da mão

O socialismo, o racionalismo, o ateísmo, o solidarismo, a fraternidade tornavam-se valores fortemente prestigiados e perseguidos, ao passo que o capitalismo, o irracionalismo, o espiritualismo, o individualismo, o sexismo, o racismo, desvalorizavam-se e desqualificavam-se diante dos olhos de milhões e milhões de indivíduos, sob o influxo direto e indireto, consciente e inconsciente, da revolução mundial em marcha. Transbordava através do mundo a confiança num futuro muito próximo em que o homem e a mulher seriam, finalmente, não mais o lobo, mas o amigo do homem. Sem medo, gritava-se através do mundo: “O que queremos? Queremos tudo!”

O ano de 1968 seria o de menor vocações sacerdotais do século 20. Sem necessidade e interesse de olhar, por frustração e desespero, para as coisas do céu e do além, o homem e a mulher, transcendidos pelas possibilidades que se abriam diante de seus olhos, voltavam-se, desbordando de confiança, para o mundo material e espiritual terreno do aqui e do agora. O indivíduo crescia e espalhava-se na comunhão solidária e fraternal com seus semelhantes. Galopando desenfreado através do mundo, o indomável corcel da revolução inoculava seu fulgor infatigável, de

forma mais ou menos radical, em uma vasta geração de militantes sociais, em geral muito jovens, mas igualmente em adultos.

Por seu inesperado radicalismo e longevidade, esse processo determinaria mais tarde a criação de neologismo *soixanthuitards*, na França, *sessantotini*, na Itália, para descrever, positiva ou pejorativamente, conforme o lado da trincheira, a geração de homens e mulheres, hoje com sessenta e setenta anos que, apesar de dizimada pelas deserções ensejada pelas duras derrotas dos confrontos sociais dos anos 1980-90, segue ainda, passados quarenta anos, irremediavelmente marcadas a fogo em seus comportamentos e visões de mundo por aqueles anos e jornadas magníficos, em que a conquista do céu esteve ao alcance das mãos dos povos.

O que não avança, retrocede

Já foi dito que a revolução não se instala da noite para o dia, mesmo quando se trata do dia da revolução. A imposição da derrota histórica do mundo do trabalho pelo capital, que vivemos plenamente nos dias de hoje, não se deu, igualmente, de um dia, de mês ou de ano para o outro, após o refluxo da grande onda revolucionária de 1968, já em fins daquele ano, com destaque para a França, Brasil e México – neste último país com o terrível massacre de Tlatelolco, de 2 de outubro de 1968,

com talvez quatrocentos mortos –, ainda que a luta se expandisse, no ano seguinte, pelo Japão, Argentina, com o *Cordobazo*; na China, com a *Comuna de Xangai*, e na Itália, com o *Outono quente*. A partida continuou sendo jogada ainda por alguns anos com as classes trabalhadoras e populares na ofensiva, antes que a maré revolucionária sofresse dolorosa reversão.

As razões e cronologias gerais da derrota do empuxe revolucionário, com forte aceleração em 1967-68, exigem discussão bem mais ampla e complexa, impossível de ser realizada neste artigo, sequer de forma telegráfica. Apesar da derrota imperialista e da vitória popular no Vietnã do Sul (1974), Angola (1975), Moçambique (1975), Iêmen, Etiópia, Nicarágua (1978), a vaga popular mundial sofreu golpes significativos quando das derrotas da revolução chilena, em 1973; na América Latina, portuguesa, em 1975, na Europa, e, finalmente, afegã, em 1988, na Ásia, em razão do peso qualitativo desses movimentos. O fortalecimento da contrarrevolução entre a classe operária polonesa, por intermédio do sindicato Solidariedade, desempenhou importante papel nesse processo.

A vaga revolucionária mundial esmoreceu em fins da década de 1970, retrocedendo na década de 1980, para ser definitivamente batida na de 1990. Nesse processo desempenharam importante papel os governos Ronald Reagan (1981-1989), nos Estados Uni-

dos; Margaret Thatcher (1979-1990), na Inglaterra; o longo poder do papa Wojtyła (1978-2005), exercido um pouco através de todo o mundo.

Contrarrevolução vitoriosa

A derrota do grande impulso revolucionário, que conhecera forte aceleração em 1967-1968, e o seu esmagamento geral, vinte anos mais tarde, em 1989, pela recuperação, hoje nos seus momentos finais, da produção capitalista, da URSS e das nações de economia nacionalizada e planejada da Europa, Ásia e América, deveriam-se, em última instância, à imobilidade política e social das classes trabalhadoras estadunidenses e soviéticas, incapazes de superar, mesmo que de forma limitada, a dominação capitalista e burocrática sob a qual se encontravam, garantindo amplo espaço de recuperação-metamorfose para os segmentos dominantes daqueles países, hegemônicos nas suas respectivas esferas.

Os ritmos e as complexas razões de tais fenômenos ainda não foram elucidados a contento, em boa parte em virtude do próprio recuo objetivo e subjetivo vivido desde a década de 1980 pelo mundo do trabalho e seus cada vez mais rarefeitos quadros intelectuais orgânicos, quando de processo que se concluiu com a contrarrevolução neoliberal de fins daquele decênio, que ainda pesa dolorosamente sobre todos nós, como assinalado. Tentativas de

sínteses dessa realidade, como a ambiciosa obra de Eric J. Hobsbawm, de 1994, *A era dos extremos: breve século XX* (1914-1991), escrita enquanto o capital reconquistava plenamente os Estados perdidos desde 1917, registram no campo das representações teórico-científicas sobretudo a rendição da razão crítica diante da contrarrevolução triunfante.¹

Entretanto, a derrota da maré revolucionária, com forte eclosão em 1967-68, não determinou a obsolescência de seu programa, como proposto habitualmente por apologistas da opressão, apoiados sobretudo na “prova” da vitória capitalista. Hoje, as apologias sobre a nova ordem nascida da vitória mundial do mundo do capital já se esvaem diante dos olhos de todos, na imposição sem limites de mundo dominado pela exploração, pelo desassossego, pela violência, pelo egoísmo – uma realidade que registra a inarredável urgência da retomada-concretização geral da proposta de reorganização social do mundo levantada há quarenta anos, para a superação de contradições insanáveis postas pela desordem capitalista. São contradições que, hoje, em razão do seu caráter geral e de sua profundidade, comprovam dolorosamente a lembrança de Rosa Luxemburgo, há quase um século, de que à humanidade apresenta-se apenas a escolha entre dois caminhos a serem seguidos: o socialismo ou a barbárie.

Résumé

*Que voulons-nous? Nous voulons tout!
Brèves réflexions interprétatives sur la
signification historique de mai 1968*

La célébration des quarante ans des événements de 1968 a entraîné une série de réflexions sur l'actualité/le dépassement programmatique de ces mouvements. Les années 1967-1969 ont inauguré une conjoncture révolutionnaire fortement marquée par la contradiction entre la croissante exploitation vécue par le prolétariat des pays développés et la dégénérescence des directions réformistes. Amorcés par les étudiants, les épisodes révolutionnaires se fortifièrent dans la mesure où les ouvriers prirent la relève. A l'offensive dans les années 1970, l'impulsion révolutionnaire resta stagnante dans les années 80 et fut assujettie dans les années 90, restant cependant une référence fondamentale.

Mot clé: 1968. Politique internationale. Révolution. Contre-révolution.

Notas

- ² Ver outros sobre a Itália: CAPANNA, Mario. *Formidabili quegli anni*. Milano: BUR, 1998; MASSARI, Roberto. *Il '68: come e perché*. Bolsona: Massari, 1998; BASCETTA, M. et al. *Enciclopedia del '68*. Milano: Manifestolibri, 2008; ALESSANDRO, Bertante. *Contro il '68: la generazione infinita*. Milano: Agenzia X, 2008; BALESTRINI, Nanni. *L'orda d'oro: 1968-1977: la grande ondata rivoluzionaria e creativa, politica ed esistenziale*. [1988] 4. ed. Milano: Feltrinelli, 1997; sobre o México, GUEVARA NIEBLA, Gilberto. *Libertad bajo protesta, historia de un proceso*. México: Federación Editorial

- Mexicana, 1973; GUEVARA NIEBLA, Gilberto. *La democracia en la calle: crónica del movimiento estudiantil mexicano*. México: Siglo XXI, 1988; REVUELTAS, José. *México 68: juventud y revolución*. México: Era, 1978; ZERMEÑO, Sergio. *México: una democracia utópica. El movimiento estudiantil del 68*. México: Siglo XXI, 1978; SCHERER, Julio; MONSIVÁIS, Carlos. *Parte de guerra: Tlatelolco 1968: documentos del general Marcelino Garcia Barragan: los hechos y la historia*. México: Aguilar, 1999; sobre a França, BENSALID, Daniel; WEBER, Henry. *Mai 68: une répétition générale*. Paris: Maspéro, 1968; COHN-BENDIT, Daniel; GEISMAR, Alain; SAUVAGEOT, Jacques. *La révolte étudiante, les animateurs parlent*. Paris: Éditions du Seuil, 1968; DREYFUS-ARMAND, Geneviève; GERVEREAU, Laurent (Org.). *Mai 1968: les mouvements étudiants en France et dans le monde*. Paris: Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine, 1988; DREYFUS-ARMAND, Geneviève et al. *Les Années 68: Le temps de la contestation*. Paris: Institut d'Histoire du Temps Présent; Bruxelles: Complexe, 2000; GLUCKSMAN, André. *Stratégies et révolution en France en 1968*. Paris: Bourgois, 1968; TOURAINÉ, Alain. *Le mouvement de mai 1968 ou le communisme utopique*. Paris: Seuil, 1968; sobre a Alemanha: KLIMKE, Martin; SCHARLOTH, Joachim (Hrsg.). *Handbuch 1968: zur Kultur - und Mediengeschichte der Studentebewegung*. Stuttgart: Verlag J.B. Metzler, 2007; KOENEN, Gerd. *Das Rote Jahrzehnt: Unsere kleine deutsche Kulturrevolution 1967-1977*. Köln: Kiepenheuer und Witsch Verlag, 2001; NORBERT, Frei. 1968: *Jugendrevolte und Protest*. München: dtv, 2008; UWE, Wesel. *Die verspielte Revolution 1968 und die Folgen*. München: Karl Blessing Verlag, 2002.
- ³ Entre outros: ALI, Tariq. *O poder das barricadas: uma autobiografia dos anos 60*. São Paulo: Boitempo, 2008; ALMEIDA JR., Antônio Mendes de. *Movimento estudantil no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1981; França, QUATROCCHI, Angelo; NAIRN, Tom. *O começo do fim*: França, maio de 1968. [1968]. Trad. de M. A. Reis. Rio de Janeiro: Record, 1998; ALVES, Márcio Moreira. *68 mudou o mundo: a explosão dos sonhos e a guinada conservadora num ano que valeu por décadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993; FERRY, Luc; RENAUT, Alain. *Pensamento 68*. São Paulo: Ensaio, 1985; GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Org.). *Rebeldes e contestadores*: 1968: Brasil, França, Alemanha. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998; GOLDFELDER, Sonia. *A primavera de Praga*. São Paulo: Brasiliense, 1981; MARTINS FILHO, João Roberto. *Rebelião estudantil*: 1968 - México, França e Brasil. Campinas: Mercado das Letras, 1996; GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira. Das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987; MARTINS FILHO, João Roberto (Org.). *1968 faz 30 anos*. Campinas: Mercado das Letras; São Carlos: Ed. da UFSCar, 1998; MATOS, Olímpia. *Paris 1968: as barricadas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981; PERRONE, Fernando. *'68 relatos de guerra: Praga, São Paulo, Paris*. São Paulo: Busca Vida, 1988; PONGE, Robert (Org.). *1968: o ano das muitas primaveras*. Porto Alegre: SMCPOA, 1998.
- ⁴ MAESTRI, Mário. Cohn-Bendit pede desculpas. *Correio da Cidadania*, São Paulo, 24 mar. 2008. Disponível em: <http://www.correiocidadania.com.br/content/view/1587/47/>; www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u396770.shtml
- ⁵ CHASNAIS, François et al. *Uma nova fase do capitalismo?* São Paulo: Cemarx, Xamã, 2003. p. 15 et seq.
- ⁶ BALESTRINI, Nanni. *L'orda d'oro: 1968-1977: la grande ondata rivoluzionaria e creativa, politica ed esistenziale*, p. 15 et seq.
- ⁷ HO CHI MINH. *A resistência do Vietnã*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968; FANON, F. *L'An V de la révolution algérienne*. Paris: Maspéro, 1959.
- ⁸ BAMBIRRA, Vânia. *A Revolução Cubana – uma reinterpretação*. Coimbra: Centelha, Brasil, 1975; SWEEZY, Paul; HUBERMAN, Leo. *Cuba: anatomia de uma revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1960.
- ⁹ GORENDER, Jacó, *O combate nas trevas*, São Paulo: Ática, 1987.
- ¹⁰ CARMICHAEL; HAMILTON, *Strategia del potere nero*. Roma-Bari: Laterza, 1968
- ¹¹ PRINZ, Alois. *Disoccupate le strade dai sogni: la vita di Ulrike Meinhof*. Trad. de M. Marotta. Roma: Arcana, 2007; BOCCA, Giorgio. *Noi terroristi: 12 anni di lotta armata ricostruiti e discussi con i protagonisti*. Milano: Garzanti, 1985; Progetto Memoria. *La mappa perduta*. Roma: Sensibili alle Foglie, 1994.